

Há algum tempo que a estrada se encontrava deserta, branca e ainda escaldante, embora a ocidente o sol já pintasse o céu de vermelho. Caminhando lentamente pela poeira ele parava de tempos a tempos e oscilava, apoiado num só pé, como um pássaro desajeitado a tentar equilibrar-se, enquanto examinava o chumaço de adesivo que lhe saía dum buraco na sola. Virou-se outra vez. Uma pequena massa informe emergira no extremo da tira de cimento chamejante e avançava agora com esforço na sua direcção. Avolumou-se a pouco e pouco, oscilante e grotesca como uma imagem vista através dum vidro cheio de defeitos, adquiriu por momentos a forma e a solidez duma carrinha de caixa aberta, passou num jacto e desvaneceu-se na mesma silhueta líquida em que se tinha aproximado.

Num gesto vago, ele agitou o polegar estendido para a viatura que se afastava. Pequenos remoinhos de poeira saltaram da lombada da estrada e vieram pousar-lhe nas bainhas das calças.

Desaparece, diabos te levem! lançou ele à miragem fugidia. Tirou os cigarros do bolso e contou-os, voltou a guardá-los. Virou a cabeça para o sol. Depois de escurecer já nem

vai valer a pena tentar, disse ele. O ar parado e silencioso, nem mesmo um sussurro vindo dos jornais e dos papéis de rebuçado poeirentos semiocultos no muro castanho de ervas na berma da estrada.

Mais adiante conseguia avistar as luzes dum posto de gasolina, alguns edifícios. Talvez um cruzamento onde as viaturas abrandavam. Sacudiu o polegar para uma camioneta que passou com um silvo áspero e ficou a vê-la sugar nuvens de pó e papéis na sua esteira e, mais adiante na estrada, agitar violentamente as árvores.

Nem a Nosso Senhor Jesus Cristo davas boleia, pois não? perguntou ele, ajeitando o cabelo desalinhado com os dedos.

Quando chegou ao posto de gasolina, bebeu um grande copo de água e fumou um dos cigarros. Mesmo ao lado havia uma mercearia e ele deambulou para o interior e começou a percorrer as prateleiras repletas de caixas e latas para trás e para diante com um ruído arrastado, enchendo os bolsos de pequenos objectos — rebuçados, um lápis, um rolo de fita adesiva... Ao emergir de trás de alguns caixotes de papel higiénico, reparou que o merceeiro o fitava.

Diga-me cá, disse ele, por acaso não tem nenhuma, hã — os seus olhos levaram a cabo um rápido inventário final — nenhuma bombas para encher pneus, ou tem?

Não estão é na prateleira dos bolos, respondeu o homem.

Ele baixou os olhos para uma pilha desordenada de pães e bolos, tranquilamente letais nos seus invólucros de celofane cobertos de cagadelas de mosca.

Aqui — apontava o dono da loja. Dentro dum caixote atrás do balcão amontoavam-se macacos, bombas, alavancas, uma perfuradora para enterrar postes.

Ora bem, exclamou ele. Aí está o que eu queria. Aproximou-se do caixote em passo arrastado e remexeu nas ferramentas durante alguns minutos.

Não são do género que eu andava à procura, disse ele ao merceeiro, já a dirigir-se para a porta.

E que género é esse? perguntou o outro. Não sabia que se fabricava mais que um género.

Não, não, disse ele, pensativo, parado a um metro da porta, esfregando o lábio inferior. Estava a inventar um novo tipo de bomba para encher pneus. Bem, disse ele, agora há um modelo novo que não tem que se dar à bomba para cima e para baixo assim (bombeando) mas que tem uma espécie de *alavanca* que funciona desta maneira (bombeando com uma só mão).

Não me diga, comentou o dono da loja.

E digo mesmo, respondeu ele. Facilita imenso o trabalho a uma pessoa.

Que marca de carro é o seu? quis saber o dono da loja.

O meu? Ora essa, comprei um Ford novo. Um trinta e quatro novinho em folha, motor V-oito. Um gajo assusta-se só de se sentar lá dentro...

Ainda assim os pneus dão imensos problemas, *hmm?*

Bem... não, esta vez foi só a primeira vez que tive problemas com os pneus... Bem, é melhor eu... já agora, daqui a Atlana ainda é longe?

Umas dezassete milhas¹.

Bem, acho que é melhor eu ir andando. 'Té à vista.

Volte sempre, disse o merceeiro. Só espero que consiga encher esse tal pneu. Havia de ser bem mais fácil com uma bomba, sem comparação.

Mas a porta de rede bateu e ele achou-se cá fora. Parado sob o alpendre da mercearia, tentou deduzir que horas seriam. O sol já desaparecera. Um grilo fez-se ouvir e um esquadrão de noitibós emergiu do horizonte esfumado a ocidente, batendo as asas pontiagudas, assolando o lusco-fusco.

¹ Uma milha equivale a 1609,35 metros. (N.T.)

Havia um carro estacionado junto ao posto de gasolina. Ele ficou a amaldiçoar o merceeiro durante alguns minutos, depois desceu do alpendre e bebeu mais água. Tirou um rebuçado do bolso e pôs-se a mastigá-lo ruidosamente.

Passados alguns minutos, um homem saiu da casa de banho e passou por ele, dirigindo-se para o carro.

Diga-me cá, disse ele. Você por acaso não vai para a cidade?

O homem parou e olhou em volta, perscrutou-o ali encostado a um barril de óleo. Vou, sim, respondeu. Você quer uma boleia?

Ora essa, ficava-lhe muit'agradecido, disse ele, já a caminhar com passinhos rápidos ao encontro do outro. A minha filha está no hospital e tenho que lá chegar esta noite para a ver...

Hospital? Onde é que isso fica? perguntou o homem.

Ora essa, o de Atlana. Aquele grande lá...

Ah, disse o homem. Pois bem, eu cá só vou até Austell.

E isso fica a quanto daqui?

Nove milhas.

Bem, não se importa que eu vá consigo esse bocado, pois não?

Tenho o maior prazer em desenrascá-lo até lá, disse o homem.

Ao entrar em Atlanta, pôde ver, dentre as tabuletas pregadas num poste, uma que dizia KNOXVILLE 197. O nome da cidade aonde se dirigia. Se lhe tivessem pedido o nome, teria dado qualquer um menos Kenneth Rattner, que era de facto o seu.

A este de Knoxville, no Tennessee, começam as montanhas, pequenas cristas e picos das faldas dos Apalaches que

distorcem as estradas circundantes a seu bel-prazer. A primeira delas é a montanha Vermelha; em dias de céu limpo, pode ver-se lá do alto a linha de cumeeada da cordilheira, azul e fresca como uma promessa distante.

Em finais do Verão, a montanha ferve sob um impiedoso céu azul. A poeira vermelha da estrada do pomar é como pó dum forno de tijolo. Não se consegue segurar um punhado dela na concha da mão. Pela encosta sobem ventos tórridos, como um bafo rançoso vindo do vale, impregnados do cheiro de asclépia, de ambrósia, de vegetação apodrecida. A encimar os montes de argila vermelha que se acumulam ao longo da estrada há madressilvas definhadas, ervilheiras ressequidas e cobertas de poeira. Nos últimos dias de Julho as leiras de milho estendem-se, crestadas e murchas, os talos vergados ao peso da derrota. Todo o verde empalidece e seca. A argila estala e abre fendas em incontáveis cataclismos microscópicos e os blocos de calcário juncam a terra erodida como bandos de golfinhos saltando para fora de água, os dorsos cinzentos e cobertos de sulcos arqueados para o céu infernal.

Na relativa frescura das matas, viburnos e muscadíneas desabroçam com uma fecundidade cínica, e o solo da floresta — juncado de velhos troncos forrados de musgo, habitado por cogumelos venenosos, estranhos e solenes entre os fetos e as trepadeiras e curvando-se para exhibir as suas delicadas lamelas cor de fígado — encerra em si uma qualidade primordial, como um pântano fumegante do Carbonífero onde sáurios antigos espreitam num sono fingido.

Na montanha, o calcário forma saliências e trepa em escarpas íngremes por entre as raízes poderosas das nogueiras, dos carvalhos e das tulipeiras, que mesmo aqui conseguem firmar-se, lutando contra a precária inclinação que a queda ocasional de uma semente lhes atribuiu.